

## Culturas e imagens

Anna Clara Rodrigues S. Bibiani  
Roberta Avoglio A. Oliveira

### **UMA REFLEXÃO SOBRE AS IMAGENS FORJADAS PARA A ESCOLA E A CONTRIBUIÇÃO DA MÍDIA NESSE PROCESSO.**

**É** hegemonic o discurso que significa socialmente a escola como a instituição responsável por resolver as desigualdades e mazelas sociais. Mas será que à escola cabe tudo? Fazemos um convite para colocarmos em suspeita a imagem que vem sendo disputada discursivamente sobre a escola. Escolhemos refletir sobre os discursos em torno da qualidade da educação e a contribuição da mídia no processo de produção de sentidos que buscam fixar uma imagem de escola. Para isso, lançamos mão de charges, quadrinhos e imagens.

Entendemos a imagem como parte integrante de uma representação política da educação. Dessa forma, selecionamos três imagens em diferentes *sites* na *internet*, com a compreensão de que expressam as disputas sociais em torno da significação de educação e escola.

O trabalho com imagens se justifica porque as ilustrações se constituem em um material produtivo que nos possibilita pensar sobre os inúmeros significados que a elas podem ser atribuídos (CHARTIER, 2003). Em outro texto (CHARTIER, 2002, p. 137) afirma que “não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às

Figura 1 – Escola Pública



Fonte: <http://www.cicero.art.br/novoSite/>

vigilâncias e às censuras de que tem poder sobre as palavras ou gestos”.

Apontamos que a educação está imersa tanto em contextos nacionais quanto internacionais em uma lógica marcada por movimentos que reivindicam uma maior qualidade. Circula um discurso que enfatiza a ausência

ou a necessidade de ampliação da qualidade da educação por sua [suposta] ineficácia. Nesse cenário, os meios de comunicação e informação de massa intensificam a circulação e as disputas por significação. As imagens têm papel fundamental nessa dinâmica em que se hegemonizam sentidos de qualidade de educação, ao mesmo tempo em que contribuem para a desqualificação da escola, principalmente, da escola pública.

Entendemos que as imagens são discursos, componentes internos de totalidades significativas, carregados de significados que se tornam inteligíveis como parte de um conjunto sistemático de relações (LACLAU; MOUFFE, 2015). Por isso, nesse texto argumentamos que as imagens estão inseridas nas disputas por uma determinada significação/fixação de escola.

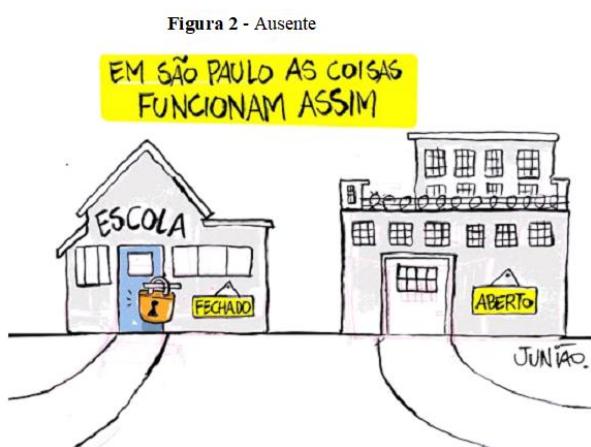
A **Figura 1** aborda o descaso com o ensino público. Questões como a precariedade física – “não tem água”, o “teto desabando” – e intelectual – “não tem professor”, “não tem material didático”, “não tem aula” – são colocadas como barreiras à formação dos estudantes mais pobres – “os pés descalços/com chinelo de dedo”.

Por outro lado, também está presente uma crítica de que a qualidade da educação seria resolvida com a ampliação do tempo escolar, pois sem levar em consideração as condições de infraestrutura

e de carência de pessoal a ampliação apenas garantiria aos estudantes mais tempo em uma escola ineficaz.

Sem desconsiderar os graves problemas educacionais, a imagem contribui para a significação da escola, e é bom destacar, a escola pública, como **lugar de falta**, como se inúmeras instituições privadas espalhadas pelo país não padecem dos mesmos problemas: infraestrutura precária, quadro de profissionais sem qualificação, etc. Nesse caso por conta da ganância de “pequenos empreendedores privados” que contam com a cumplicidade dos gestores públicos para iludir a população de que oferecem uma educação de qualidade superior à pública.

Por sua vez, temos na **Figura 2** uma imagem usada para denunciar o poder público apelando para uma construção discursiva socialmente aceita. Carregada de sentidos salvacionistas que projetam a escola como o **lugar do tudo**. Uma concepção idealista que atribui à escola e, consequentemente aos professores responsabilidades que não podem dar conta por si só.



Fonte: <http://www.juniao.com.br/chargecartum/>

Uma concepção que contribui para uma visão romantizada de escola como o lugar do bem. Como se no âmbito das instituições escolares também não fossem engendradas práticas excludentes e discriminatórias. A escola não pode tudo, não pode sozinha, mas

pode fazer a diferença na vida de muitos. Mas para isso as concepções idealistas e romantizadas não ajudam. A escola, melhor dizendo, os professores não ganham nada assumindo o papel de mártires, de guardiões de vidas precarizadas.

A escola pode e deve assumir a tarefa de acolher essas vidas como pluralidade e diferença. **Com elas** e não **para elas**, assumindo

que essa luta também precisa ser travada intramuros das instituições. Forjando a qualidade da educação como movimento cotidiano sem as

amarras de objetivos a serem alcançados por meio de sistemas hierárquicos e vigilantes da escola.

Por fim temos a **Figura 3** em que a desqualificação do público em relação ao privado é mais explícita do que na Figura 1. Não se trata apenas das condições materiais representadas na “mesa

remendada” na sala de aula “suja”.

Preconceitos de classe e de etnia são gritantes na imagem. A escola pública generalizada como aquela destinada crianças e jovens pobres e pretos. A escola privada generalizada como aquela destinada a crianças e jovens brancos de famílias favorecidas socialmente.

São tentativas de fixar generalizações que não resistem a qualquer análise que se pretenda séria. Isso porque, e existem “boas” escolas privadas, bem equipadas, com professores bem remunerados. São escolas destinadas a uma elite que pode pagar pelo serviço oferecido. Essa não é a realidade da maioria delas, que não possui instalações adequadas, que desrespeita a legislação trabalhista, que contrata e explora mão de obra não qualificada. Por outro lado, existem escolas públicas que estão no mesmo patamar das consideradas “boas” escolas privadas. São bem equipadas, mais do que uma boa remuneração os professores são amparados por planos de carreira.

O que estamos chamando a atenção é que precisamos parar para pensar o que está sendo comparado quando se afirma, ou se insinua como na imagem, que a escola privada é de melhor qualidade do que a escola pública?

Outro ponto que merece destaque é a desqualificação da capacidade cognitiva do estudante, negro. A “lamparina” do

Figura 3 – Educação...



Fonte: <http://nossodiariocreas.blogspot.com/2011/08/charge.html>

conhecimento não fornece luz suficiente para abrir oportunidades para o estudante no futuro. Uma concepção instrumental de conhecimento em que o conhecimento oferecido pela escola seria a única possibilidade de desenvolvimento para os sujeitos (PEREIRA, 2017). Cabe destacar que uma boa certificação não é garantia, por si só de melhores oportunidades. Não é assim que as sociedades capitalistas funcionam, em especial em países elitistas como o Brasil. Por outro lado, não são poucos os jovens que mobilizam os conhecimentos que têm, inclusive os escolares, para construir suas próprias oportunidades, apesar ou por causa da escola. Não são poucos os exemplos que emergem em cada comunidade periférica desse país.

Pelo seu caráter lúdico, muitas vezes as imagens são mais eficazes na produção/circulação de sentidos do que um texto bem articulado, por isso se constituem como recurso privilegiado de produção e articulação de discursos políticos em disputa na sociedade. Mas justamente por esse caráter lúdico é que devemos observá-las com mais atenção para identificar que sentidos estão sendo produzidos. Que projetos estão sendo favorecidos e disputá-los socialmente.

## **Referências:**

CHARTIER, Roger. **Formas e Sentido Cultura Escrita: entre distinção e apropriação.**

Campinas: Mercado de Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 2002.

LACLAU, E.; MOUFFE, C. Pós-marxismo sem pedido de desculpas. In: LOPES, A. C.; MENDONÇA, D. de. **A teoria do discurso de Ernesto Laclau.** Ensaios críticos e entrevistas. São Paulo: Annablume, 2015. p. 35- 72.

PEREIRA, T. V. Gramática e lógica: jogo de linguagem que favorece sentidos de conhecimento como coisa. **Curriculum sem fronteiras**, v. 3, p. 600-616, 2017. Disponível em:

<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol17iss3articles/pereira.pdf>.  
Acesso em: 22 jul. 2019.

### **Sobre as autoras:**

Anna Clara Rodrigues S. Bibiani: Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Comunicação e Cultura, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGECC -FEBF/UERJ).

Roberta Avoglio A. Oliveira: Doutoranda Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ)